

## O DISCURSO DE CARLOTA MELLO EM ÚNICO ATO: O *ETHOS* FEMININO ANTES DA GUERRA

*(Carlota Mello's discourse in a single act: the feminine ethos before the war)*

Risalva Bernardino Neves<sup>1</sup>  
(Universidade de Brasília)

Denize Elena Garcia Silva<sup>2</sup>  
(Universidade de Brasília)

### RESUMO

*Este artigo, que resulta de um projeto mais amplo voltado para a análise da construção de identidade(s) da mulher militar, enfoca o discurso de uma enfermeira brasileira, que serviu na Segunda Guerra Mundial como voluntária. Ancorado nos construtos teóricos da Análise de Discurso Crítica (ADC), o estudo tem como base analítica narrativas de vida, selecionadas a partir de entrevistas. Como ciência multidisciplinar, a ADC permite entrelaces teórico-metodológicos que proporcionam uma acurada descrição e interpretação de dados de natureza etnográfica. Utilizamos, aqui, estudos do discurso aliados à teoria do posicionamento. Os primeiros resultados apontam para a construção do self de uma protagonista social madura, que vivia em um contexto de cultura onde a mulher da época ensaiava os primeiros passos em direção à igualdade de direitos.*

**Palavras-chave:** ADC. Identidades. Enfermeira militar. Narrativas. Teoria do Posicionamento.

### ABSTRACT

*This article, which results from a broader project focused on the analysis of the identity construction of the military woman, focuses on the discourse of a brazilian nurse, who served in the Second World War as a volunteer. Anchored in the theoretical constructs of Critical Discourse Analysis (CDA), the study is based on analytical life stories, selected from interviews. As a multidisciplinary science, the CDA allows theoretical-methodological connections that provide an accurate description and interpretation of ethnographic data. We use here discourse studies allied to the theory of positioning. The first results point to the construction of the self of a mature social protagonist, who lived in a context of culture where the woman of the time rehearsed the first steps towards equal rights.*

**Keywords:** ADC. Identities. Military nurse. Narratives. Positioning Theory.

Recebido em: julho de 2018  
Aceito em: setembro de 2018  
[DOI: 10.26512/les.v19i2.12781](https://doi.org/10.26512/les.v19i2.12781)

---

<sup>1</sup> Mestra e doutoranda em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Capitão do Exército Brasileiro. Atuou como professora de Língua Portuguesa e Literatura brasileira por mais de 10 anos no Colégio Militar de Brasília. Atualmente, serve no Comando de Operações Terrestres/Centro de Doutrina do Exército, onde revisa textos. É membro da Associação Latino-americana de Estudos do Discurso (ALED) e do Núcleo de Estudos de Linguagem da UnB. Email: risalvabernardino@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística Hispânica pela UNAM, Mestre em Linguística pela UnB e professora/pesquisadora Colaboradora Plena na Universidade de Brasília, onde atua como docente desde 1987. Em seus trabalhos de pesquisa e orientação, bem como publicações, conjuga Análise de Discurso Crítica (ADC) e Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). É fundadora do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste (GELCO) e presidente honorária, desde 2017, da Associação Latino-americana de Estudos do Discurso (ALED). E-mail: denizelena@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo específico discutir a construção de identidade(s) de uma enfermeira militar, antes de sua ida para a Segunda Guerra Mundial. Isso, com base em suas narrativas de vida, colhidas em tempos recentes por uma das autoras do presente estudo. De modo paralelo, teceremos considerações referentes ao *ethos* feminino da época.

De início, cabe-nos destacar que, nas últimas décadas, estudos que relacionam discursos e identidades ganham força na área das ciências humanas, sobretudo, aqueles que valorizam ou trazem à luz identidades de agentes sociais esquecidos na esteira do tempo, o que parece aguçar cada vez mais a parcela feminina da sociedade a sair da invisibilidade e reivindicar seus direitos. Essa é a razão pela qual enfocamos, no presente artigo, a voz eloquente de uma mulher de 103 anos, enfermeira militar que, em 1944, decidiu ir para a guerra. Nossa questão motivadora é como essa personagem – tão significativa para a história brasileira – constrói sua narrativa e tece identidade(s) por meio de práticas discursivas que conjugam práticas sociais do passado e do presente, vivenciadas em um tempo real de longa duração.

Como já destacado por Silva (2013), a análise de discurso que enfoca a língua como prática social constitui nosso passaporte teórico básico, uma vez que baliza uma forma de pesquisa social também considerada uma prática teórica crítica. Na esteira da proposta de Fairclough (2003; 2010), consideramos que toda pesquisa para ser útil deve-se revestir de uma prática social transformadora. Silva (2013, p. 92-93) esclarece que, “a análise textual voltada para a pesquisa social crítica, nos moldes de Fairclough (2003), permite-nos sondar o funcionamento de operações linguístico-discursivas, no processo comunicativo e, sobretudo, a sua conexão com outros sistemas semióticos vigentes, historicamente situados”. Nosso estudo alinha-se também à perspectiva de De Fina e Georgakopoulou (2008), autoras que propõem uma abordagem alternativa, segundo a qual a narrativa é vista como fala-em-interação e como prática social. Dessa forma, concebe-se “a análise da interação como um aspecto fundamental de qualquer estudo da narrativa, e a investigação dos microaspectos narrativo-interacionais com processos sociais mais amplos como um pré-requisito para a pesquisa de caráter social” (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008, p. 379).

O artigo encontra-se organizado em três seções, além da presente introdução e das considerações finais. Na primeira, apresentamos o cenário no qual se insere D. Carlota Melo. Trata-se de um contexto de situação, em que viviam as primeiras mulheres militares das Forças Armadas

Brasileiras, bem como do contexto de cultura do país naquele período.<sup>3</sup> A segunda é dedicada ao arcabouço teórico-metodológico que sustenta o estudo aqui apresentado. A terceira parte envolve a análise propriamente dita dos dados selecionados, seguida das considerações finais.

## **1. O CENÁRIO DA MULHER MILITAR BRASILEIRA: BREVE DOSSIÊ DO CONTEXTO DE SITUAÇÃO DA ÉPOCA**

Ainda que o título desta seção deixe subentendido que havia um contexto no qual a mulher militar estaria inserido, não é isso que queremos dizer. Não havia mulheres nas Forças Armadas brasileiras. Dessa forma, descrevemos brevemente, aqui, a inserção das primeiras militares do país: as enfermeiras.

O Brasil se preparava para a Segunda Grande Guerra e era necessário levar, além de soldados, um Destacamento de Saúde, composto por médicos, enfermeiras e outros profissionais dessa área. Em 1943, criou-se o Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército por meio de decreto. Para preenchê-lo, o governo brasileiro lançou mão de propagandas em jornais e revistas da época. Era um chamado para mulheres que possuíssem alguma qualificação ao serviço de Enfermagem. (MAZULO, 2010). Após cursos na área e treinamentos militares, elas seguiriam para a guerra. Em pouco tempo, apareceram centenas de voluntárias, que atenderam ao chamado. Dentre as principais motivações para fazer isso, destacam-se:

o desejo de atender ao chamamento pátrio, o mais comum em seus discursos; o ímpeto aventureiro de se lançar numa guerra; a possibilidade de emancipação feminina; a inclusão num campo que, antes, não admitia mulheres, o do Exército; a falta de opção no mercado de trabalho. [...] o que se percebe, genericamente, seja de suas falas, seja de seus registros escritos e fotográficos, é um senso de dedicação e contentamento à prontidão para a guerra (OLIVEIRA, 2010, p. 105).

Antes da experiência das enfermeiras militares na Segunda Guerra, outras mulheres brasileiras já haviam atuado em conflitos armados, também de maneira voluntária. Cabe, aqui, evocar o nome de Ana Nery, participante ativa da Guerra do Paraguai, que desempenhou, então, o ofício de enfermeira, em pleno campo de batalha. Não menos importante, encontramos lavrados em

---

<sup>3</sup> De acordo com Silva (2012, p. 224), o contexto social, em que se insere o sistema semiótico, compreende dois níveis que se entrelaçam: o contexto de cultura, mais geral e abstrato, formado por sistemas de gêneros, e o contexto de situação, com seus elementos campo (atividade social), relações sociais (interpessoais) e modo (papel da linguagem na atividade). Nessa perspectiva, as escolhas realizadas no contexto de cultura têm impacto nas escolhas em nível situacional.

documentos históricos, nomes como Maria Quitéria, Anita Garibaldi, Florisbela, Maria Curupaiti, dentre outras, que, de modo efetivo, lutaram ao lado dos homens.<sup>4</sup>

Entre os pré-requisitos para se integrar à Força Expedicionária Brasileira (FEB)<sup>5</sup> constavam ser solteira, viúva ou separada e ter entre 18 e 36 anos (BARONE, 2013). Em relação às casadas, a integração estava condicionada ao consentimento do marido (OLIVEIRA, 2010). Tais exigências dão a tônica de como se constituía a sociedade da época: práticas sociais davam sustentação a estruturas patriarcais. Em outras palavras, o poder paterno sobre a mulher, no celibato, cedia ao espaço ao poder do marido, na vida conjugal. Além disso, nesse contexto cultural, certo valor é dado às mulheres, mas se impõem limites ao exercício de seu poder fora de casa, obrigando-as a realizar tarefas consideradas femininas, como é o caso da enfermagem (PERROT, 2005).

Trata-se de um período em que as liberdades femininas eram limitadas. O sufrágio, por exemplo, tornou-se realidade em 1932, com algumas restrições: as casadas, com autorização do marido; as viúvas, se tivessem renda própria. O acesso a certos campos profissionais era ainda tabu. Nesse sentido, aceitar mulheres em quartéis configurava-se como algo inédito até aquele momento, por conseguinte a existência de um grupamento feminino de enfermagem no Exército Brasileiro não seria facilmente assimilada pela sociedade da época (OLIVEIRA, 2010).

Nessa trilha, as enfermeiras tiveram que enfrentar grandes desafios ainda em solo brasileiro, a começar pelos familiares. O espaço público lhes era vetado, como bem pontua Perrot (2005), e a guerra era considerada, por excelência, não somente espaço público como também espaço exclusivamente de homem. Nesse sentido, os familiares das voluntárias, bem como a boa parte da sociedade não as apoiaram em suas decisões. Nas palavras de Oliveira (2010, p. 90), “como o código militar é cultural e essencialmente masculino, aquelas primeiras mulheres militares foram vistas como transgressoras ao ousarem vestir a farda”. Ressalte-se que elas foram, ainda, alvo de difamações públicas. Foi nesse contexto histórico-cultural, nesse cenário emergencial de guerra, que a enfermeira Carlota Mello, mineira, 29 anos, realizou curso de enfermagem da Cruz Vermelha, em Belo Horizonte; em seguida, o Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva (CEERE)<sup>6</sup>, ministrado pela Diretoria de saúde do Exército, no Rio de Janeiro, e seguiu, voluntariamente, em 1944, para a Itália, onde serviu em hospitais militares junto ao V Exército Americano.

---

<sup>4</sup> Maria Quitéria disfarçou-se de homem e participou, na Bahia, das lutas pela independência. Anita Garibaldi, “a heroína dos dois mundos”, lutou no Brasil e na Itália. Florisbela e Maria Curupaiti lutaram na Guerra do Paraguai (BRAZIL & SHUMAHAR, 2009).

<sup>5</sup> A FEB foi a força militar do Brasil, formada por integrantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, que foi para a Europa (Itália) lutar ao lado dos países Aliados, contra os países do Eixo. O contingente era formado por mais de 25.000 soldados brasileiros, entre os quais estavam as 73 enfermeiras (67 do Exército e 6 da Aeronáutica).

<sup>6</sup> Era um curso realizado em três módulos que contemplavam (i) parte teórica; (ii) preparação física; e (iii) instrução militar. O intuito era proporcionar às candidatas a incorporação dos princípios militares, o que contribuiria para a padronização de comportamentos destas nos hospitais militares na Itália (MAZULO, 2010).

## 2. DISCURSOS E IDENTIDADES EM NARRATIVAS

As narrativas não são meramente histórias que contamos ou ouvimos alguém contar. São maneiras de rememorar, reconstituir e ressignificar experiências pessoais. De forma espontânea, mas construindo um texto organizado, as narrativas configuram um gênero discursivo que propicia o envolvimento e a interação (DE FINA, 2003). Por essa razão é estudada nos dias atuais em diversos campos do saber.

Para Candido Jr. (2018, p. 98), “narrar pode constituir-se como uma forma de lapidar a dor pelo espírito, uma forma discursiva e terapêutica de trabalhar essa dor”. Sendo assim, as histórias contadas podem representar muito do que sentimos, de como somos, de quem somos, do que sabemos, enfim, de nossas identidades.

Para as sociedades ágrafas, as narrativas foram (e são) formas de compartilhar saberes, assim elas podem ser utilizadas com o objetivo de fomentar, transmitir e preservar culturas, costumes, aspectos e idiossincrasias de um povo (COUTO, 2013). Dessa forma, destacamos que os enfoques sobre o tema são vários, bem como as metodologias utilizadas para seu estudo.

Interessa-nos, aqui, as narrativas de experiências pessoais, concebidas como uma prática social, sobretudo nos construtos de De Fina e Georgakopoulou (2008, 2012). É necessário destacar, no entanto, a importância dos estudos iniciais labovianos acerca do assunto.

Em um artigo que se tornou clássico no âmbito do gênero narrativo, Labov e Waletzky (1967) definem narrativas como uma técnica linguística específica para reportar eventos pessoais passados, mediante a organização temporal destes. Posteriormente, Labov (1997, p. 3, grifo das autoras) redefine narrativas, dando ênfase à significação do evento para o narrador: “uma narrativa de experiência pessoal é o relato de uma sequência de eventos *que teve lugar na biografia do falante* por uma sequência de sentenças que corresponde à ordem dos eventos originais”.

Tais entidades possuem uma estrutura formal, nem sempre completa, composta por seis elementos: *resumo* (ou *sumário*): uma síntese do conteúdo da narrativa; *orientação*: referência ao espaço, ao tempo, à ação e às pessoas envolvidas, ou seja, onde? quando? quem? O quê?; *complicação* (ou *ação complicadora*): sequência dos acontecimentos e ações que formam o corpo da narração, é o inesperado; *avaliação*: apresentação da avaliatividade, o ponto de vista do narrador; *resolução*: solução, resultado; como tudo acabou?; *coda*: elemento acessório, finalização da narrativa, transporta de volta ao tempo presente.

Sugere Labov (1997, p. 7) que “a avaliação de um evento narrativo é a informação sobre as consequências desse evento para as necessidades e para os desejos humanos”. De fato, as pessoas narram eventos por algum motivo e esse motivo está sempre associado a uma avaliação. Podemos

identificar os juízos de valor que o narrador faz por meio de expressões linguísticas tais como: (i) intensificadores: gestos, fonologia expressiva, quantificadores, repetições; (ii) comparadores – compara-se o que ocorreu com o que poderia ter ocorrido, por meio de negativas, modais, comparativos, superlativos (iii) perguntas e orações imperativas; (iv) correlativos – aposto duplo, duplo atributo, forma progressiva de verbo (v) explicativas – agregam qualificações e causas por meio de expressões como enquanto, porque, desde (LABOV, 1972).

Cabe destacar que a avaliação pode ser encontrada em um ponto específico ou permear toda a narrativa. Conforme pontua Labov (1972), são quatro os tipos de avaliação: *externa*, *encaixada*, *ação avaliativa* e *avaliação pela suspensão da ação*.<sup>7</sup>

A *avaliação externa* ocorre quando o narrador interrompe a narrativa, volta-se para o ouvinte e apresenta um ponto relevante da narrativa ou ele mesmo faz um comentário avaliativo sobre algum aspecto da narrativa. A *avaliação encaixada* não interrompe explicitamente a narrativa; o narrador faz (e assume textualmente) a avaliação. A *ação avaliativa* ocorre por meio da ação, pois ações também podem indicar sentimentos do narrador; assim acentua-se a carga dramática da narrativa mediante relato de *ações* em vez de *falas*. A *avaliação pela suspensão da ação* acontece em sentenças separadas. A suspensão da ação revela para o interlocutor que a parte interrompida indica um aspecto avaliativo (SILVA, 2001).

Vale ressaltar que essa concepção da narrativa como estrutura autônoma, centrada apenas no narrador, desvinculada de seu contexto interacional é alvo de críticas justamente por ignorar o que ocorre entre pessoas, narrador e ouvinte, no momento da narração. Pensar as narrativas como prática social significa entendê-las dentro de uma trama discursiva que vai além do simples contar uma história. Constitui-se um ato político que envolve a relação com o ouvinte/interlocutor, o posicionamento dos personagens dentro da narrativa e a relação do narrador com as narrativas mestras, ou seja, com os discursos hegemônicos. Em poucas palavras, narrar é uma forma de construção de identidades (*self*), uma vez que “o discurso narrativo constitui-se um *locus* privilegiado para o estudo das identidades” (DE FINA, 2003).

Por outro lado, ao discutir a noção retórica de *ethos* na perspectiva da análise do discurso, Ruth Amossy (2005, p. 9), uma estudiosa francesa, sugere que:

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa.

<sup>7</sup> O modelo anterior, Labov e Waletzky (1967), distinguia apenas três tipos: a externa, a encaixada e os recursos avaliativos.

A noção de *ethos* sugerida por Amossy, voltada para o discurso argumentativo, tem a ver com a força da palavra – ligada à Retórica – na arte de persuadir, enquanto o termo *self* utilizado por De Fina guarda estreita relação com o discurso narrativo. Não obstante, os dois termos, pelo menos no âmbito do presente estudo, não se encontram em distribuição complementar, uma vez que ambos aparecem enlaçados à(s) identidade(s) em construção nas práticas discursivas.

Nessa esteira de pensamento, a ADC concebe os textos como a materialização dos discursos, os quais se constituem, simultaneamente, como formas particulares de ação, de representação e de identificação, (FAIRCLOUGH, 2003), o inclui as identidades propriamente ditas (grupais e individuais). Assim é que os discursos podem ser analisados também por meios de narrativas, o que vai ao encontro de nosso objetivo específico, qual seja, o de analisar identidades construídas por uma enfermeira militar, ao longo de suas narrativas situadas, temporalmente, antes da ida para a guerra.

## 2.1 Identidades na pós-modernidade

Os estudos sobre identidades abarcam uma gama de conceitos em diversos campos do saber, o que torna complexa sua conceituação. Hall (2006) explica como as concepções sobre identidades foram evoluindo historicamente, de uma concepção mais individualista, passando por uma concepção mais interativa, para chegar a uma mais fragmentada, na qual as pessoas não têm uma identidade, elas assumem identidades diferentes na interação.<sup>8</sup>

Concordamos com os/as estudiosos/as que adotam uma visão não essencialista das identidades. Para Hall (2006), elas se configuram como não fixas, não unificadas e descentradas. Já De Fina (2003, p. 3) concebe a identidade em termos socioconstrucionistas, isto é, como um processo, não como um produto. Trata-se de um processo que ocorre dentro de práticas semióticas e comunicativas específicas. Por outro lado, Moita Lopes (2002) enfatiza a relação das identidades com o discurso. Nas palavras do linguista brasileiro, “o que somos, nossas identidades sociais são construídas por meio de nossas práticas discursivas” (MOITA LOPES, 2002, p. 32).

Nessa trilha, sugerimos que as identidades, em razão da multiplicidade e da fluidez, abrem espaço para significações diversas, as quais são construídas e negociadas pelos interlocutores no momento da interação. De acordo com De Fina (2003), se a interação é mediada pela linguagem em curso, torna-se necessário levar em consideração as conexões entre esta e o processo de construção

---

<sup>8</sup> Hall (2006) propõe três concepções de identidades: o *sujeito do iluminismo* era visto como mais voltado para si mesmo, mais centrado e sua identidade, mais fixa. O *sujeito sociológico* se constitui na relação entre eu e a sociedade, assim há estabilidade entre o sujeito e o mundo cultural, o que os torna mais unificados e predizíveis. O *sujeito pós-moderno* possui identidades múltiplas, contraditórias e em processo de construção.

de identidades, uma vez que identidades emergem do estabelecimento de conexões entre escolhas linguísticas, mundos interacionais e mundos de histórias.

Importa destacar que essa desessencialização das identidades muda o foco dos estudos para o processo como elas ocorrem. Se as identidades não concernem a “como somos”, mas a “como nos apresentamos em um dado momento”, se a preocupação volta-se para “como nos constituímos para o outro”, então torna-se essencial perscrutar os mecanismos utilizados pelo falante para gerenciar e negociar seu *self* em práticas sociais situadas.

Resta-nos destacar, de acordo com De Fina (2003), que tais mecanismos envolvem construções linguístico-discursivas imbricadas em questões ligadas a poder e ideologia, na medida em que as identidades são mais frequentemente negociadas do que exibidas e, para analisá-las, configura-se como necessário recorrer a referências implícitas e explícitas a sistemas de crenças e ideologias. O olhar analítico para as narrativas que constituem o nosso *corpus* situa a interação em um lugar especial. Nesse sentido, analisamos, aqui, como o narrador se posiciona em relação aos personagens presentes na narrativa, em relação ao interlocutor e em relação às narrativas mestras. Dessa feita, o enlace da ADC com a teoria do posicionamento torna-se um casamento possível, conforme discutiremos na seção de análise.

## 2.2 Os posicionamentos interacionais

Os estudos sobre posicionamentos interacionais tiveram início com Davies e Harré (1990). Para esses autores, o posicionamento interacional é uma referência às práticas discursivas que envolvem a multiplicidade de *selves*. Segundo essa teoria, “uma pessoa pode ser posicionada diferentemente em uma conversa, em consequência, essa mesma pessoa tende a experimentar e mostrar uma multiplicidade de identidades” (DAVIES; HARRÉ, 1990, p. 46). A metodologia utilizada por esses autores foi alvo de críticas, pois a análise era feita com base em falas descontextualizadas e a concepção de posicionamento ignorava aspectos importantes da interação. Tal conceito vem sendo discutido e aprofundado por outros/as autores/as.

Bamberg (1997) desenvolve seu modelo teórico a partir de pesquisas sobre narrativas em interação, o que diferencia de simples atos de fala. Esse autor apresenta três níveis de posicionamento que são pontos importantes de análise:

Nível 1 – refere-se ao modo como o narrador se posiciona em relação aos personagens que fazem parte da narrativa; se como protagonista, antagonista, vítima, algoz, dentre outros.

Nível 2 – concerne ao posicionamento do narrador em relação ao público ouvinte, ou seja, a audiência.

Nível 3 – relaciona-se com o modo como o narrador se posiciona para si mesmo; como a linguagem é empregada para fazer afirmações que o narrador considera verdadeiras e relevantes acima e além da situação conversacional local.

De Fina (2013) realizou um refinamento no nível 3, por se alinhar ao que propõem os estudos do discurso, na vertente que aqui adotamos. Para essa autora, o narrador constrói sua identidade em relação aos discursos e ideologias, mostrando que a interpretação de seu posicionamento é baseada em macroprocessos sociais subjacentes às relações de poder. Para essa linguista italiana, abordagens mais recentes de posicionamento ressaltam que:

- a. o *locus* onde o posicionamento precisa ser estudado é a interação, porque ele está em interação, onde as pessoas exibem entendimentos locais de posições e, portanto, é a partir desse nível que os analistas precisam começar para chegar ao nível macro, e não vice-versa;
- b. o posicionamento é um processo recíproco e dialógico, de modo que os indivíduos não apenas assumem, mas também atribuem posições e as negociam de formas emergentes;
- c. as relações entre processos locais e processos mais globais são muito complexas e não podem ser vistas como uma questão de determinação direta de macro a micro estruturas sociais de ação e cognição (DE FINA, 2013, p. 41-42).

É válido ressaltar que nosso propósito não visa a identificar os níveis apresentados nas falas colhidas de D. Carlota, mas analisar seus posicionamentos frente aos personagens que figuram em suas narrativas, frente à audiência e em relação a macroprocessos sociais. Nesse sentido, uma vez que, aqui, não só a exterioridade da linguagem é esmiuçada, mas também sua interioridade, consideramos necessário destacar alguns parâmetros analíticos que serão levados em conta na próxima seção.

- a) referências e predicação – a primeira diz respeito aos elementos do mundo (pessoas, objetos, eventos e ações) que o narrador menciona. A segunda é a caracterização desses elementos. Ao optar por se referir a alguém como amigo, conhecido ou, simplesmente, pessoa, por exemplo, o narrador o representa de diferentes formas, o que é relevante para construções identitárias.
- b) descritores metapragmáticos – são processos que introduzem falas (dizer, falar, arguir, asseverar, propor) e revelam avaliações de atores.
- c) citação – são formas de indicar a fala de outros personagens, portanto envolvem duas possibilidades: a tentativa de reproduzir exatamente o que foi dito (direta) e sua tradução da fala pelo narrador (indireta). Geralmente é acompanhada por um descritor metapragmático.
- d) indexicais avaliativos – são expressões ou maneiras de falar associadas a determinados grupos sociais, o que gera avaliações morais de seus falantes. Wortham (2001) resalta que, muitas vezes, tais associações são estereótipos.
- e) modalização epistêmica - refere-se a julgamentos de valor de verdade. Também estão ligadas a fatos como permitidos, obrigatórios, desejados entre outros. Neves (2013) sinaliza a existência de outros tipos de modalidade. Incluímos, aqui, a deôntica, que concerne à avaliação referente a valores sociais, isto é, o que permitido, proibido, dentre outros, por figurar no *corpus* de análise.

Trata-se de traços linguísticos, ou ‘pistas indexicais’, conforme sugere (WORTHAM, 2001, p. 70), para quem as cinco categorias acima destacadas constituem “um conjunto de ferramentas heurísticas que podem ser usadas no início de uma análise do posicionamento interacional em determinada narrativa”.

### 3. OS DADOS EM CENA

Os dados aqui apresentados resultam de um recorte de uma entrevista semiestruturada, realizada em Belo Horizonte (MG), em 2018, com a Tenente Carlota Mello.<sup>9</sup> Ela é uma enfermeira militar que integrou o grupo de sessenta e sete enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Com 103 anos de idade, optou, há cerca de quatro meses, por viver em um lar de idosos. Parte de seu dia, passa lendo e escrevendo, como ela mesma diz “pensamentos soltos e caduquices”. Sua audição está comprometida, o que a distancia da televisão, mas ela gosta de contar histórias. A pergunta motivadora da narrativa ora transcrita foi o motivo de sua ida à guerra. O que aqui se pretende é analisar como essa personagem se posiciona em relação aos outros personagens que traz para suas narrativas, em relação à interlocutora e em relação aos discursos que permeiam a sociedade na qual se insere. Em poucas palavras, como constrói seu *self*. Vale ressaltar que, neste artigo, trataremos apenas do *self* “antes da guerra”, que emergiu como categoria em meio às suas tantas histórias de vida.

“*Inacreditável!*” é como D. Carlota começa respondendo a pergunta da pesquisadora. Ao iniciar, ela tem um brilho nos olhos de quem visita as próprias lembranças e se depara com uma bonita trajetória de vida; uma voz firme, mesmo já tendo comemorado 103 anos de idade; além de certa lucidez e alegria, ainda que já experienciado a amargura de uma guerra. Destacamos que *inacreditável* é um predicador (WORTHAM, 2001) que instiga e prende a atenção da audiência, bem como percorre toda a narrativa por resumir a avaliação que ela faz de seu *self*.

Logo em seguida, a narrativa segue com a *orientação* (LABOV, 1997), na linha 2, momento em que ela situa a audiência acerca dos fatos que vai narrar. Ela conta onde nasceu para explicar o porquê de sua ida para a guerra. Ao se referir à cidade natal, D. Carlota utiliza a oposição ontem *versus* hoje, na qual ontem tem conotação negativa (*naquela época era uma cidade atrasada, pobre [...] tudo pobre* – linhas 5 e 6) e hoje caracteriza positivamente o lugar (*Minha cidade é afamada por causa da cachaça. Ela é conhecida no mundo todo como “a rainha da cachaça”, é onde fabrica a melhor cachaça do mundo* – linhas 3 a 5). Com isso, a narradora começa a explicar o

<sup>9</sup> O recorte da entrevista encontra-se anexo. A pesquisa de campo, de natureza etnográfica, tem sido realizada por Neves, uma das autoras, e faz parte de sua tese de doutorado a ser defendida em 2020, sob a orientação de Garcia da Silva.

*inacreditável* (atributo). Ela, então, dialoga com o discurso da vitimização, o qual recusa, e com o discurso do protagonismo, com o qual se alinha. Ressalte-se que os discursos hegemônicos tendem a naturalizar o discurso da inércia das populações de cidades pobres e interioranas, o que se reflete, muitas vezes, em práticas sociais naturalizadas em que atores permanecem assujeitados às estruturas sociais. Nessa perspectiva, seria improvável para uma moça desse contexto, marcado pela ausência de possibilidades, tornar-se protagonista de sua vida, isto é, agir criativamente (FAIRCLOUGH, 2003), sair dali, “ganhar o mundo” e ir para a guerra.

Dessa maneira, ela se posiciona com relação à audiência como alguém que deseja “fugir da pobreza” que a cerca para escrever sua própria história, o que pode ser inferido por meio da repetição de “pobre” (linha 6). Ao rechaçar o que seria seu “destino natural” para os padrões da época, isto é, casar-se e ter filhos (*eu não quero viver aqui que como minhas primas que com dezoito anos já têm filho, já casaram, já têm filho, com vinte a dois, já têm dois, três filhos... eu não quero* – linhas 10 a 11), D. Carlota já posiciona as personagens que traz para a narrativa (as primas) como vítimas de estilo de vida que as aprisiona e lhes tolhe o direito às escolhas.

Por outro lado, seja em termos de “descritores pragmáticos” (WORTHAN, 2001), seja como “estruturas funcionais repetidas”, conforme a categorização de Silva (2001, p. 188), em seu estudo voltado para a repetição em narrativas de adolescentes (tanto no português quanto no espanhol), observemos que os segmentos narrativos repetidos (*eu não quero viver aqui.../... eu não quero*) funcionam como um enquadramento de ideias, justamente como uma moldura, no domínio da conexão, que a narradora assinala para chamar a atenção do interlocutor a respeito da sua avaliação (rechaço) aos padrões da época.

Ainda que não haja elemento linguístico que confirme a falta de opção dessas personagens, apoiamo-nos no contexto de cultura da época (por volta de 1935) e no contexto situacional (o texto narrativo) que traz uma repetição enfática (*eu não quero viver aqui... eu não quero*) para interpretar esse *modus vivendi* como algo negativo. Como sugere Silva (2001, p. 185):

Cabe recordar que Labov e Waletzky (1967), ao apontarem as duas funções de uma narrativa, quais sejam, a referencial e a avaliativa, observam que um relato que cumpre apenas a função referencial é considerado “vazio” e sem ponto de interesse. Além disso, Labov (1972) afirma que tudo o que implica um desvio da sintaxe básica da narrativa constitui uma força avaliativa marcada. Não obstante, constata-se que a repetição que opera como ênfase ultrapassa esse conceito de desvio, uma vez que se realiza como função paradigmática e não sintagmática, além de representar uma força essencialmente avaliativa.

Ao posicionar as primas como vítimas e recusar-se a seguir esse modelo de vida, a narradora se posiciona em relação aos discursos e ideologias sobre o casamento. Questiona a visão

patriarcal e hegemônica sobre o sacramento, a qual o impõe como único estilo possível de vida, fonte de realização e felicidade feminina. Ressalte-se que ela inserida em um contexto cultural em que o direito das mulheres ao voto é uma conquista recente (1932). É relevante destacar, aqui, a importância do discurso como uma forma de deslegitimar crenças e ideologias (FAIRCLOUGH, 2003, 2010).

A referência à saída de Salinas (a cidade natal) e à mãe constituem-se um dado emblemático que confirma como o quão plural podem ser as identidades, o que pode torná-las, de acordo com De Fina (2017), contraditórias. No trecho *Então a mamãe me mandou pra Belo Horizonte, ela me deu ordem pra que eu viesse* (linhas 12 e 13), a narradora posiciona sua mãe como hierarquicamente superior (a mãe tem o poder, é o agente dos processos *mandar* e *dar ordem*, é uma espécie de algoz) e se posiciona como vítima de suas ordens, o que é percebido também pela modalidade deôntica presente na linha 7 (*eu com treze anos tive que deixar minha terra*). O uso de *tive que deixar* indica obrigatoriedade (NEVES, 2013), o que reforça a identidade da narradora como vítima. A opção por representar Salinas como *minha terra* indexicaliza o laço de afeição com a cidade natal, uma vez que pronomes têm potencial para construir significados sutis que se relacionam às suas identidades (DE FINA, 2003). Dessa maneira, enfatiza-se a construção identitária de vítima. No entanto, a narrativa mostra que a saída de cidade natal foi um forte desejo da narradora. Assim, diferentes posicionamentos de identidade podem coexistir dentro do mesmo discurso pelo mesmo narrador (DE FINA, 2017).

A saída de Salinas constitui-se emblemático, também, porque remete ao êxodo. Ainda que a narradora se refira com carinho à terra natal, ela parece ter consciência de que migrar para a cidade grande é uma opção (ou uma obrigação) de quem quer melhorar de vida. Com isso, ela não só se posiciona como alguém que sofre em virtude da migração não voluntária, como também deixa implícito o reconhecimento da falta de oportunidades das cidades do interior.

O que realça o posicionamento de protagonista é o fato de D. Carlota se apresentar individualmente (não como membro de um grupo) na maior parte da narrativa. Como bem observa Amossy (2005), à medida que a protagonista toma a palavra, ela vai tecendo uma “imagem de si mesma”, ainda que não esteja interessada em construir seu autorretrato (*self*) e tampouco colocar em detalhe suas qualidades. Mas o que nos cobra atenção é a recorrente utilização explícita do pronome *eu* (mais de oitenta vezes), em lugar, por exemplo, do pronome *nós*. Tal escolha indica o tipo de papel que a narradora atribui a si mesma, ou seja, como se autorrepresenta na história, o seu *ethos*. Quanto ao uso dos pronomes, De Fina (2003, p. 58) observa, ainda, que estes “são elementos indexicais por excelência, pois ao apontar para indivíduos concretos, eles estabelecem uma relação entre o mundo linguístico e o mundo extralinguístico”.

A narradora, aos poucos, agrega elementos que contribuem para a construção de sua identidade como uma pessoa à frente de seu tempo. Além da já mencionada recusa ao modelo familiar da época, podemos acrescentar a busca pela independência por meio do trabalho, materializada no trecho *e eu com treze anos eu já... já era... independente... eu trabalhava* (linhas 13 e 14). Se considerarmos o momento histórico ao qual ela se refere, ser independente, em se tratando de mulher, já seria visto como um comportamento excepcional. A idade da narradora em que isso ocorre (*aos treze anos*) enfatiza o caráter da excepcionalidade.

Logo em seguida, D. Carlota traz uma avaliação moral de si como alguém digna, merecedora de um futuro melhor. Ela declara seu desejo em melhorar sua posição social (*eu fazia serviço pra ela, molhava planta, olhava, colhia fruta no quintal dela e tudo, pra ganhar dinheiro, pra eu poder ter dinheiro, guardar dinheiro pra ir pra frente* – linhas 15 a 17), o que é reforçado por outros trechos da narrativa. É relevante frisar que a ascensão que ela deseja aparece sempre associada ao esforço e ao trabalho (*Nesse meio tempo, eu arranjei um emprego... eu estudava de manhã e de tarde eu ia trabalhar pra uma mulher* – linhas 33 e 34), na medida em que ela encara serviços socialmente pouco valorizados, sem fazer nenhuma referência a isso.

Ao descrever a passagem de sua vida profissional por uma alfaiataria militar, D. Carlota o faz com riqueza de detalhes (*vinha uma bacia imensa, cheia de... pedacinho de pano, já recortado e costurado. Tinha pedacinho pra botar pra cima, tinha pedaço assim, assim (indica várias direções), tinha pedaço de tudo quanto é roupa de militar... de botar aqui no bolso, aqui nas perna...aqui não sei quantos, vinha uma pedacinho aqui com um botão aqui...[...] Tava costurado eu virava pelo direito, o ferro... é... quente, passava, mais eu fazia aquele mo::nte. Virava tudo e depois passava tudo. Entregava aquilo tudo arrumadinho...* linhas 39 a 46). Tal estilo tem potencial para conferir veracidade à narrativa, o que certamente constrói significados junto aos interlocutores. Nesse excerto, ela se apresenta como agente dos processos materiais *virava, passava, fazia* em uma sequência gradativa que culmina em *entregava*. Pode-se afirmar que o realce fonético no alongamento do som vocálico na expressão *mo::nte* e o uso diminutivo *arrumadinho* são pistas linguístico-discursivas com as quais a narradora agrega à própria identidade traços morais de resiliência e cuidado com o trabalho.

Observemos que ela ainda faz uma avaliação do trabalho, caracterizado como penoso (*Era um serviço que era... precisava de muita paciência* – linha 46). Logo em seguida, ela utiliza um marcador discursivo adversativo (*mais (mas) eu fui e ganhei dinheiro para ajudar na minha manutenção* – linha 47) para contrastar a dificuldade do trabalho com o desejo de ascender. Nessa perspectiva, D. Carlota parece focar em seu objetivo de melhorar de vida, o que resulta em uma autoapresentação como perseverante. Tal desejo parece tornar-se realidade, conforme ela narra nas

linhas seguintes (*Aí meu irmão não precisou me dar mais dinheiro para o transporte, nem pra lanche, nem pra nada porque eu trabalhava e tinha dinheiro pra pagar* – linhas 47 a 49). Temos uma pista clarividente do *self* mulher independente.

A iniciativa e a coragem também são características que figuram em seus posicionamentos interacionais. A referência à ida ao Instituto de Educação Noraldino Lima é um bom exemplo. A instituição de ensino era particular (*era pago o Instituto Noraldino Lima* – linha 22 e 23 e *afamado* - linha 18), portanto inacessível para o padrão financeiro da narradora. Sobre o trecho *E fui lá no gabinete desse homem* (linhas 23 e 24), destacamos os seguintes pontos analíticos: há uma relação de distanciamento construída por meio da circunstância de lugar (*lá*) e do pronome *desse*; ter um *gabinete* confere importância ao possuidor (*desse homem*). Essa distância social se intensifica na fala relatada do irmão (*Mais ocê, menina, como é que ocê foi pedir pro Doutor Noraldino Lima?* - linhas 29 e 30), a qual equivale a “Como você ousou (teve coragem de) ir falar com uma pessoa tão importante?”. Dessa forma, a narradora posiciona o Doutor tanto distante de quanto superior a si, mas essa posição superior não a constrange a ponto de impedir sua ação. Por outro lado, o trecho *Eu fui lá e pedi a essa mulher um emprego* (linha 36) também reforça o *self* de proativa de D. Carlota.

Assim que se vê em uma posição melhor, D. Carlota passa a contribuir, junto com seus dois irmãos que moravam em Belo Horizonte, para o sustento de sua família, que vivia em Salinas (no retorno da guerra, ela assume sozinha o papel de arrimo de família, a qual era composta por sua mãe, uma irmã esquizofrênica e um irmão cego).<sup>10</sup> O trecho *Ele mandava 50, meu outro irmão mandava 30 e eu mandava 10... eu sei que formava 100... 100 dinheiro pra mandar pra mamãe. “Eu vou ajudar a mamãe, também”* (linhas 51 e 52) revela a solidariedade e o senso de responsabilidade com a família. Ela não especifica quanto ganha exatamente, mas quanto envia para sua mãe. O que se sobressai, na verdade, é a construção do *self* boa filha, que ela incorpora a sua identidade.

A referência à escolha profissional, ou melhor, à falta de opção também é um tema que merece atenção na narrativa de D. Carlota. No excerto *Comecei a estudar pra professora porque não tinha... era normalista.. não tinha outra profissão, não tinha outro estudo. A criança tinha que fazer o 1º grau e depois, a mulher, normalista. Homem eu nem sei o que que é...Eu pensei assim: “Oh, mais eu vou”...* (linhas 19 a 22), ela traz à tona novamente um posicionamento em relação a macroprocessos sociais que subjazem a relações de poder (DE FINA, 2017). Dessa forma, ela lança luz para questões que vão além da esfera pessoal, do direito à escolha da profissão, ela questiona a estrutura social vigente que impõe às mulheres formas de ser e saberes, o que se alinha ao

<sup>10</sup> Essa informação foi obtida em outro momento da entrevista.

posicionamento nível 3. Observemos que há consciência da diferença com a qual o homem é tratado a esse respeito (*Homem eu nem sei o que é que é...*).

Ao recusar ser professora, o que podemos observar também por meio do excerto *Eu não quero ser professora* (linhas 26 e 27), a narradora problematiza, além da falta de liberdade de escolha da profissão, a questão da valorização do magistério. Ela não avalia positivamente ser professora. Isso pode ser interpretado como apenas falta de identificação com essa profissão. Mas também pode ser efeito de discursos da época que não associam o magistério a profissões de prestígio. Mesmo assim, ela decide estudar para depois tentar outras opções, como aconselha o Doutor Noraldino Lima. Em *Eu pensei assim: "Oh, mais eu vou"...* (linha 22), ela confirma seu posicionamento como pessoa perseverante e senhora de seu destino.

A narradora já se autorrepresenta como mulher corajosa, proativa, independente, batalhadora. Apesar de todos os percalços por que passou na vida, em poucos momentos da entrevista ela se posiciona como vítima. O excerto seguinte se refere ao seu trabalho como dama de companhia de uma mulher rica. A avaliação negativa inicial desse trabalho (*uma mulher ranzinza, uma mulher cheia de coisa... orgulhosa e tudo.* - linhas 66 e 67) é menos significativa do que o resultado dessa relação (*mais eu fiquei amiga dela, e trabalhei com ela, ganhei meu dinheiro* - linhas 76 e 77), o que nos faz interpretar D. Carlota como alguém que está sempre focando o que a vida lhe traz de bom, nesse caso, a amizade e o dinheiro ganho honestamente (*mais terminou eu sendo amiga dela e saindo com ela e ganhando meu dinheiro honestamente* linhas 70 e 71). Em uma circunstância em que parece se revelar inferior, no diálogo com essa senhora "*Ocê sabe inglês?, ocê fala inglês?*" *Eu falei: "Não, eu não falo nada, male male o português..."* [ela ri]... (linhas 68 e 69), ela ri. O riso sugere uma postura de quem não se abate ante as pedras que se apresentam no meio do caminho, mas de quem, no meio das pedras, sempre encontra um caminho.

O próximo excerto nos leva à aproximação com a guerra, o que encerra seu *ethos* que aqui se analisa (antes da guerra): *quando é um dia, eu olho no jornal e o jornal diz que a Cruz Vermelha ia abrir a escola da Cruz Vermelha internacional em Belo Horizonte. Eu fui!* (linhas 77 e 78). Ao longo da entrevista, pôde-se perceber pela expressão altiva, voz firme, apesar das limitações naturais impostas pelos 103 anos de idade, que D. Carlota apresenta boa competência comunicativa e um repertório linguístico variado. No *corpus* selecionado para este estudo, podemos nos deparar com elementos que confirmam isso, tais como o uso de estrutura sintática completa e uso de epítetos bem elaborados (*amicíssima*, linha 70, *inacreditável*, linha 2) e vocabulário diversificado. A referência ao jornal (*eu olho no jornal*) repete-se nas linhas 82 e 83 (*eu li no jornal que o Exército tava chamando moças...*), contribuindo para a construção do *self* como alguém antenado com os acontecimentos que o rodeiam, provavelmente alguém que tem a leitura como um hábito.

Em outro momento da entrevista, ela fala de seu hábito de ler e escrever pensamentos. Embora não tenha revelado quando começou, pode-se supor que desde a juventude.

A relação da narradora com o Exército, no momento que antecede à ida para a guerra, é representada quase como natural. No entanto, sabemos que a adaptação à rigidez da disciplina militar e às peculiaridades das atividades não é algo tranquilo. A título de esclarecimento, D. Carlota fez cursos militares em Belo Horizonte e depois no Rio de Janeiro para poder integrar a Força Expedicionária Brasileira (FEB) e seguir para a Itália, em 1944. No excerto *Fiz o curso pro Exército e... passei folgada... já era enfermeira, já sabia socorrer gente, mais tinha é... que aprender a atirar... a marchar, ordem unida, e eu fui pro 12 RI,<sup>11</sup> fiquei lá três meses dezesseis moças daqui, ficamos lá, aprendendo a atirar, a marchar... fazer tudo o que um soldado fazia* (linhas 85 a 89), D. Carlota opta por colocar primeiro sua avaliação positiva (*passei folgada... já sabia socorrer gente*) para, somente depois, apresentar um senão, que é iniciado a partir do marcador discursivo adversativo *mais(mas)*. Essa oposição é que desvela a dificuldade das atividades típicas da vida militar (*mais tinha é... que aprender a atirar... a marchar[.] fazer tudo o que um soldado fazia*), as quais não lhe parecem pesar. Pelo contrário, ao se posicionar igual a um soldado, fazendo tudo o que este faz, ela constrói identidade de mulher forte e guerreira.

Além disso, é necessário pensar no contexto de cultura da época. Ao se autoapresentar como igual a um soldado, ela negocia identidades que transcendem essa condição. Não se trata de uma referência a um militar que ocupa a mais baixa posição na hierarquia militar. Em outras palavras, não é a (baixa) importância que está “em jogo”, mas a carga semântica das atividades de um soldado, ou seja, atividades julgadas pelo senso comum na época como essencialmente masculinas e árduas, incompatíveis com o perfil estereotipado da mulher. Em poucas palavras, ela questiona os discursos hegemônicos que associavam a mulher à incapacidade para atividades que exigem força, como são as atividades militares.

Vamos à coda. Sugere De Fina (2003) que *codas* são orações que figuram no final das narrativas para indicar-lhes o fim. Nas palavras de Silva (2001, p. 88), trata-se de uma “seção opcional que, marcando o fim da narrativa, tem como função trazer o ouvinte/leitor de volta ao tempo presente, deixando-o com um sentimento de conclusão”. Assim D. Carlota finaliza essa parte da entrevista: *Quando nós terminamos o curso de socorro de urgência do Exército, eu já tava com o diploma de normalista, eu já tava com o diploma de enfermagem da Cruz Vermelha, então eu passei muito bem, fui aprovada muito bem, dezesseis moças lá de Minas, só quatro passaram... no*

---

<sup>11</sup> 12 RI é uma referência ao quartel do Exército 12º Regimento de Infantaria, o qual tem sua sede em BH. Hoje é chamado 12º Batalhão de Infantaria (12 BI).

*Rio, só quatro passaram, eu era uma delas* (linhas 91 a 95). Observemos, novamente, como a alternância no uso dos pronomes vai construindo sua identidade de protagonista. Ela utiliza a primeira pessoa do plural (*nós terminamos*), depois a primeira do singular (*eu já tava, eu passei, fui aprovada, eu era*), arvorando sua identidade individual e elevando-se em relação às outras personagens que figuram na cena do seu relato.

Cabe destacar que ela retoma o *ethos* de mulher que se esforça (estudando e trabalhando duro) para vencer, por meio da referência aos diplomas (*de socorro de urgência do Exército, de normalista, de enfermagem da Cruz Vermelha*), os quais indexalizam *status*. Em seguida, ela repete a avaliação positiva de si (*fui aprovada muito bem*). Por fim, ela se autoapresenta com especial relevo (*eu era uma delas*). Dessa maneira, a narradora finaliza a construção do seu *ethos* seguindo o mesmo traço do desenho inicial: a de uma mulher batalhadora, corajosa, esforçada, à frente de seu tempo. Inacreditável mesmo...

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, podemos afirmar que foi possível uma aproximação de resposta à nossa pergunta inicial: como D. Carlota constrói suas identidades por meio de narrativas de vida. Por um lado, o foco nos posicionamentos foi essencial para dar conta da relação entre a narradora e a audiência. Por outro, restou claro que ela se constrói como uma mulher batalhadora, perseverante, solidária e proativa. Trata-se de uma protagonista bem a frente de seu tempo. Confirmamos, dessa forma, a concepção das identidades múltiplas, não essenciais, construídas na interação. Além disso, identificamos um *ethos* de mulher antenada com o contexto histórico-cultural da época, de onde emergiram questões relevantes da agenda feminina, e que são ainda temas da atualidade. A propósito, consideramos relevante enfatizar, aqui, os discursos patriarcais que costumam tolher escolhas profissionais e ditar um *modus vivendi* para as mulheres. Observe-se que essa mulher centenária se posiciona criticamente frente a tais temas, questionando-lhes o *status* de natural, com a força de suas atitudes ousadas para a época, diferentes do padrão vigente. De fato, trata-se de um exemplo de mulher inacreditável. Carlota de Mello simboliza o *ethos* feminino, sabe anunciar e, ao mesmo tempo, denunciar com simplicidade e extrema eloquência o *ethos* feminino, razão pela qual a consideramos digna de figurar na galeria de mulheres inspiradoras.

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: R. Amossy (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

BAMBERG, M. *Positioning between structure and performance*. Journal of Narrative and Life History, [S.l.], v. 7, n. 1-4, p. 335-342, 1997.

BARONE, J. *1942: O Brasil e sua guerra quase desconhecida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

BRAZIL, E. V.; SHUMAHAR, S. (Orgs.). *Dicionário mulheres do Brasil*. De 1500 até a atualidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CÂNDIDO JÚNIOR, A. *Discurso e identidade(s) de pessoas idosas: das histórias de vida às práticas de letramento*. 2016. 242 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2016.

COUTO, R. L. D. M. *Narrativas orais de experiência pessoal: um enfoque laboviano*. 2013. 146 f. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Letras-Línguas Vernáculas. Programa de Pós-Graduação em Letras. UNIR, Porto Velho-RO. 2013.

DAVIES, B.; HARRÉ, R. Positioning: The discursive production of selves. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, Malden, v. 20, p. 43-63, 1990.

DE FINA, A. *Identity in narrative: study of immigrant discourse*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamin, 2003.

DE FINA, A. *What is your dream? Fashioning the migrant self*, Language & Communication, 2017. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1016/j.langcom.2017.02.002>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

DE FINA, A. Positioning level 3: connecting local identity displays to macro social processes. *Narrative Inquiry*, Worcester, v. 233, n. 1, p. 40-61, 2013.

DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. Analyzing narratives as practice. *Qualitative Research*, London, v. 8, n. 3, p. 379-387, 2008.

DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. *Analysing narrative: discourse and sociolinguistics perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London; New York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. 2nd ed. New York: Routledge, 2010.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LABOV, W. *Some further steps in narrative analysis*. Trad. Waldemar Ferreira Netto. The Journal of Narrative and Life History. Vol. 7, 1997, Numbers 1-4. Disponível em: <<http://ling.upenn.edu/wlabov/sfs.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In HELM, J. (Ed.). *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MAZULO, L. F. *Mulheres no Exército Brasileiro: um estudo sobre poder simbólico e relações de poder em uma organização militar*. Rio de Janeiro, 2010. 147f. Dissertação de Mestrado, Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2010.

MOITA LOPES, L. P. *Identidades fragmentadas*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

OLIVEIRA, A. B. *Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no front do pós-guerra: o processo de reinclusão no Serviço Militar Ativo do Exército (1945-1957)*. 2010. 299f. Tese (Doutorado em Enfermagem), Escola de Enfermagem Anna Nery, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2010.

PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

SILVA, D. E. G. A gramática da pobreza em práticas discursivas de atores sociais: uma perspectiva crítica. In: J. P. Pinto e B. F. Fabrício (Orgs.). *Exclusão social microrressistências: a centralidade de práticas discursivo-identitárias*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2013, p. 88-111.

SILVA, D. E. G. Estudos críticos do discurso no contexto brasileiro: por uma rede de transdisciplinaridade. In: EUTOMIA Revista de Literatura e Linguística, p. 224-243. Recife: UFPE, 2012. Disponível em: <[www.revistaeutomia.com.br](http://www.revistaeutomia.com.br)>. Acesso em: 6 set. 2018.

SILVA, D. E. G. *A repetição em narrativas de adolescentes: do oral ao escrito*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

WORTHAM, S. *Narratives in action: a strategy for research and analysis*. New York: Teachers College Press. 2001.

#### ANEXO A - Convenções de transcrição de dados orais (Conforme SILVA, 2001)

Símbolo	Descrição
:	alongamento de vogal
::	alongamento maior de vogal
/	parada brusca
[ ]	comentários do pesquisador
Itálico	expressões próprias da fala
...	pausa
/..../	transcrição parcial ou parte suprimida
MAIÚSCULA	ênfase na voz

## ANEXO B – Entrevista com D. Carlota

R – Risalva

C - Carlota

- 1 (R) Por que a senhora quis ir *pra* guerra?
- (1)
- 2 (C) É INACREDITÁVEL! [ênfase]... porque eu nasci em Salinas, é uma cidade no  
 3 norte de Minas, divisa com a Bahia. Minha cidade é afamada por causa da  
 4 cachaça. Ela é conhecida no mundo todo como “a rainha da cachaça”, é onde  
 5 fabrica a melhor cachaça do mundo. Mas naquela época era uma cidade  
 6 atrasada, pobre, minha família pobre... é... era tudo pobre. Eu tinha dois irmãos  
 7 que moravam aqui /.../ eu com treze anos tive que deixar minha terra e vir para  
 8 Belo Horizonte porque eu tinha feito o Grupo Escolar naquela época...*mais* eu  
 9 não queria ficar na minha terra não... Eu falei para mamãe: “Eu não quero  
 10 viver aqui que como minhas primas que com dezoito anos já têm filho, já  
 11 casaram, já têm filho, com 22 já têm dois, três filhos... eu não quero”... Mamãe  
 12 falou: “Então *ocê* vai *pra* casa de seus irmão”. /.../ Então a mamãe me mandou  
 13 *pra* Belo Horizonte, ela deu ordem *pra* que eu viesse... e eu com treze anos eu  
 14 já... já era... independente... eu trabalhava... tinha uma tia minha casada e não  
 15 tinha filhos e eu fazia serviço *pra* ela, molhava planta, olhava, colhia fruta no  
 16 quintal dela e tudo, *pra* ganhar dinheiro, *pra* eu poder ter dinheiro, guardar  
 17 dinheiro *pra* ir *pra* frente. /.../ Então, fui *pra* um lugar onde chamava Instituto  
 18 de Educação Noraldino Lima, é... hoje é afamado também ainda, mas já com  
 19 outro nome. Comecei a estudar *pra* professora porque não tinha... era  
 20 normalista.. não tinha outra profissão, não tinha outro estudo. A criança tinha  
 21 que fazer o 1º grau e depois, a mulher, normalista. Homem eu nem sei o que  
 22 que é...Eu pensei assim: ”Oh, mais eu vou”... Era pago o Instituto Noraldino  
 23 Lima. É... um dia, eu saí. E fui lá no gabinete desse homem e pedi a ele [risos  
 24 dela e meus], pedi a ele *pra* arranjar pra eu estudar lá no instituto dele, contei  
 25 *pra* ele o meu caso. Ele foi e falou comigo assim: “Tá bem! Mas aqui só forma  
 26 moças *pra* professora”. Eu falei “Eu não quero ser professora”. Ele falou  
 27 assim: “Mais você estuda, forma pra professora e depois você vai seguir outro  
 28 caminho”. Eu falei: “Tá bom!”. Ele arranjou, eu me matriculei. Meu irmão  
 29 ficou... dizendo: “*Mais ocê*, menina, como é que *ocê* foi pedir *pro* doutor  
 30 Noraldino Lima?” Eu falei: “Uai, pedi, *ocê* ia pagar? Se *ocê* tinha que pagar,  
 31 eu não podia estudar”. /.../ Aí eu fui estudar e terminei o curso de professora,  
 32 mais nesse meio tempo, eu não fui só professora, só estudante... da normalista,  
 33 não. Nesse meio tempo, eu arranjei um emprego... eu estudava de manhã e de  
 34 tarde eu ia trabalhar *pra* uma mulher que... era... dona da maior alfaiataria de  
 35 Belo Horizonte, alfaiataria militar. Só costurava roupa militar. Eu fui lá e pedi  
 36 a essa mulher um emprego *pra* trabalhar de tarde. Ela falou comigo: “Tem aqui  
 37 lugar, eu vou te dar um trabalho *pra* te ajudar e eu *tô* precisando”. Me botou  
 38 *pra* fazer ... era um serviço que precisa-se muito de paciência [risos]... vinha

- 39 uma bacia imensa, cheia de... pedacinho de pano, já recortado e costurado.  
 40 Tinha pedacinho *pra* botar *pra* cima, tinha pedaço assim, assim [indica várias  
 41 direções], tinha pedaço de tudo quanto é roupa de militar... de botar aqui no  
 42 bolso, aqui nas perna...aqui não sei quantos, vinha uma pedacinho aqui com  
 43 um botão aqui.../.../ *Tava* costurado eu virava pelo direito, o ferro... é... quente,  
 44 passava, mais eu fazia aquele mo::nte. Virava tudo e depois passava tudo.  
 45 Entregava aquilo tudo arrumadinho... Era um serviço que era... é...precisava de  
 46 muita paciência. Mais eu fui e ganhei dinheiro para ajudar na minha  
 47 manutenção. Aí meu irmão não precisou me dar mais dinheiro para o  
 48 transporte, nem *pra* lanche, nem *pra* nada porque eu já trabalhava e tinha  
 49 dinheiro *pra* pagar... e ainda tinha dinheiro *pra* mandar... era 10 reais...naquela  
 50 época não era reais... 10... não sei o nome do dinheiro. 10 dinheiro. Ele  
 51 mandava 50, meu outro irmão mandava 30 e eu mandava 10... eu sei que  
 52 formava 100... 100 dinheiro *pra* mandar *pra* mamãe. “Eu vou ajudar a mamãe,  
 53 também”. Aí eu tirava do meu dinheiro e mandava *pra* lá... e terminou quando  
 54 eu terminei o curso de normalista, eu já era independente do meu irmão,  
 55 porque lá nessa...é... ah eu começo, inté esqueço... é... nessa alfaiataria militar,  
 56 eu já fazia até uma roupa que *pra* cá se chamava culote... até costurava, fazia...  
 57 já não era mais aquilo...pequeninho... fazia calça... fazia, já costurava...tudo  
 58 lá. Quando foi um dia, eu vi no jornal... mais eu não queria ser  
 59 professora...pensei: “Eu também não quero ficar aqui a vida toda, sendo  
 60 empregada dessa alfaiataria, eu vou ver... o que aparecer, eu vou agarrar”.  
 61 Então... eu... que é que eu fiz? [risos]
- 62 (R) Aí a senhora resolveu ir *pra* guerra? [risos]
- 63 (C) Peguei e fui fazendo... eu trabalhava, deixei de estudar, formei. Recebi o  
 64 diploma, comecei a... depois disso, o que é que eu fui ser, meu Deus?... Ah!  
 65 Uma mulher muito rica precisava de uma companhia *pra* sair com ela durante o  
 66 dia... é... ser dama de companhia dela... durante o dia, aí eu fui ser, uma mulher  
 67 ranzinza, uma mulher cheia de coisa... orgulhosa e tudo... um dia ela falou:  
 68 “*Ocê* sabe inglês?, *ocê* fala inglês?” Eu falei: “Não, eu não falo nada, *male*  
 69 *male* o português...” [ela ri]... bom, mais isso tudo, trabalhei com essa mulher,  
 70 fiquei amicíssima dela, aguentei a *chatura* dela, mais terminou eu sendo amiga  
 71 dela e saindo com ela e ganhando meu dinheiro honestamente. O marido dela,  
 72 era.. era... o maior odon... dentista... como é que dentista chama?
- 73 (R) Odontólogo! O-don-tó-lo-go... [disse pausadamente]
- 74 (C) ...de Belo Horizonte. Então, me pagava muito bem porque ele achou que.... *pra*  
 75 ele foi bom demais eu ter conhecido a mulher dele, e ser companhia dela... ele  
 76 quase não aguentava aquele jeito da mulher... *mais* eu fiquei amiga dela, e  
 77 trabalhei com ela, ganhei meu dinheiro... quando é um dia, eu olho no jornal e  
 78 o jornal diz que a Cruz Vermelha ia abrir a escola da Cruz Vermelha  
 79 internacional em Belo Horizonte. Eu fui! Lá, cheguei lá me inscrevi... no  
 81 primeiro turno da Cruz Vermelha que ia ser inaugurada em Belo Horizonte.  
 82 /.../ Quando eu terminei o curso, eu li no jornal que o Exército *tava* chamando  
 83 moças... de vinte a trinta anos *pra* fazer um curso para socorro de gente no

84 Exército. Ora, eu tinha acabado de fazer um curso de Enfermagem, fui fazer o  
85 curso *pro* Exército. Fiz o curso *pro* Exército e... passei folgada... já era  
86 enfermeira, já sabia socorrer gente, mais tinha é... que aprender a atirar... a  
87 marchar, ordem unida, e eu fui *pro* 12 RI, fiquei lá três meses dezesseis moças  
88 daqui, ficamos lá, aprendendo a atirar, a marchar... fazer tudo o que um  
89 soldado fazia. Nós fizemos, ficamos fazendo lá... três meses nós fizemos lá e  
90 três meses ia fazer no Rio. Fui *pro* Rio pra terminar o curso... três meses. /.../  
91 Quando nós terminamos o curso de socorro de urgência do Exército, eu já *tava*  
92 com o diploma de normalista, eu já *tava* com o diploma de enfermagem da  
93 Cruz Vermelha, então eu passei muito bem, fui aprovada muito bem, dezesseis  
94 moças lá de Minas, só quatro passaram... no Rio, só quatro passaram, eu era  
95 uma delas.